

Resenha:

MATHIAS, Meire. **Paradoxos de uma política externa: por que o Mercosul?** Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

A política externa brasileira e a emergência do Mercosul

Jonas Jorge da Silva*

Aos interessados numa compreensão mais dinâmica do contexto em que se deram as relações estabelecidas entre o Brasil e seus países vizinhos, para a formação do Mercado Comum do Sul (Mercosul), recomenda-se a leitura de *Paradoxos de uma política externa: por que o Mercosul?* Neste livro, além de descrever a emergência do Mercosul, a pesquisadora Meire Mathias também faz uma avaliação do que considera os paradoxos presentes na configuração deste bloco regional. Estabelecendo como ponto de análise a perspectiva da diplomacia brasileira e as linhas de atuação do Ministério das Relações Exteriores, a autora desvenda, no processo de consolidação do Mercosul, as marcas de uma política de Estado que procurou se adequar aos novos ditames do neoliberalismo econômico.

Assim, a análise do livro, centrada especialmente na primeira metade dos anos de 1990, leva em conta os aspectos da globalização econômica, o papel do Estado e do Mercado na contemporaneidade e o modo de inserção do Brasil nas relações internacionais. A autora faz questão de destacar a heterogeneidade entre os Estados, levando em conta o contexto das dificuldades econômicas e a dimensão

sociocultural dos países latino-americanos.

Ao considerar a tradição da diplomacia brasileira e a sua ação política para a afirmação de uma posição estratégica do Brasil no cenário internacional, fica clara

a opção do Ministério das Relações Exteriores pelo pragmatismo. Tal opção de conduta, aliada ao ordenamento constitucional brasileiro, que garante ao Presidente da República o controle sobre a diplomacia e poder para a celebração de tratados, convenções, atos internacionais e cumprimento da agenda diplomática, acaba por criar uma estrutura decisória distanciada de bases mais democráticas quando o

assunto em pauta são os interesses do país nas relações internacionais.

Por outro lado, as questões postas no cenário político e econômico fazem emergir, na agenda mundial, palavras de ordem como transformação e mudança, informação e tecnologia, mercado e consumo, global e regional, multilateral e multipolar. São valores e práticas que se impõem aos países como realidades expressas e inevitáveis para a sobrevivência no mercado mundial. O paradoxo na política externa brasileira talvez esteja justamente no olhar pragmático para tal configuração, distanciando-se de um diálogo mais



plural com os setores da sociedade civil. Nesse sentido, os caminhos da análise de Meire Mathias fazem pensar nos procedimentos de adequação do discurso da diplomacia brasileira perante os ditames de uma ordem política global de cunho neoliberal. Afinal, por que o Mercosul? O que cadencia a integração entre esses países? Ora, ao invés de uma reação aos desajustes provocados pelo sistema neoliberal, com provas empíricas, por meio do entendimento do *modus operandi* da diplomacia brasileira, que está sob o comando da presidência da República, a autora apresenta uma análise das estratégias políticas em que o Mercosul apresenta-se como o resultado sintomático e materializado da abertura do país para as políticas neoliberais na primeira metade dos anos 1990.

Assim, ainda que sob diferenças latentes no grau de competitividade e de concorrência, tornou-se necessária a cooperação entre os países devido a corrida pela conquista de mercados no cenário mundial, o que trouxe consigo uma considerável interdependência econômica. Com níveis de participação desiguais, os países desenvolvidos e industrializados seguem em posição hegemônica. Segundo a autora, é no interior de relações assimétricas que o consenso tornou-se, no caso do Mercosul, um condicionamento para a formulação da agenda externa. Na ausência de um debate que enfrente os desafios postos pelos problemas sociais da América do Sul, a agenda do Mercosul volta-se acentuadamente para uma prática orientada pelos valores do capitalismo global, na perspectiva neoliberal, resumindo ao máximo o papel do Estado no gerenciamento econômico.

Fundidos numa mesma perspectiva de inserção no mercado mundial, Brasil e

demais países desse bloco regional efetivaram uma integração norteadas por um projeto burocrático-institucional. Dessa forma, a demarcação do papel do Mercosul se dá nos limites da construção de uma agenda que não estabelece prioridade aos processos democráticos de participação e integração dos povos latino-americanos. Pode-se considerar que a intergovernabilidade, nesse prisma, resume-se em interesses emergenciais da política econômica, permanecendo uma opção política míope quando o que está em jogo, nesse processo, são as oportunidades desiguais entre os países. Ao que parece, essa agenda que perfilou os países, para a formação do Mercosul, resultou de um esforço conjunto para a regulamentação de medidas favoráveis à abertura dos mercados nacionais, interferindo diretamente na autonomia das políticas econômicas desses países, ao mesmo tempo que, em grande medida, desconsiderou os problemas sociais e as contradições presentes nesta opção de integração.

Centrado em dados acerca do que foram os pilares da formação do Mercosul, sob a análise da prática política da diplomacia brasileira, esse livro traz a todos a possibilidade de uma reflexão diferenciada acerca dos dilemas que permeiam a integração desses países, apresentando as potencialidades e as carências desse bloco regional. Com a leitura deste trabalho, o leitor certamente terá a oportunidade de entender a diplomacia brasileira para além das interpretações corriqueiras que cotidianamente são veiculadas em jornais brasileiros. Trata-se de uma análise crítica que pondera, questiona e sinaliza os resultados de determinadas opções políticas para a emergência do Mercosul.

* JONAS JORGE DA SILVA é Mestre em Ciências Sociais – UEM.